



A reforma empreendida no pronto-socorro contrasta com algumas deficiências banais, como a falta de medicamentos

Pronto-socorro pede tratamento intensivo

As obras no prédio do pronto-socorro, previstas para terminar em junho ficaram mesmo para dezembro. O atraso foi decorrente de dificuldades criadas pelo sistema de licitação aliada das péssimas condições em que se encontravam as instalações do subsolo. Essas reformas têm sido a bandeira do secretário de Saúde, Milton Menezes, para recuperar o HBB. Está todo mundo na espera, até mesmo a classe médica que vem considerando o secretário mais preocupado com questões políticas.

As reformas, entretanto, enfrentam a contrariedade de um grupo de trabalhadores que ficou esquecido no meio das obras. São as telefonistas. Não que elas estejam contra as reformas, mas reclamam que foram esquecidas no meio da poeira e do barulho. O chefe dos serviços gerais, Orbilio Baptista, explica que a manutenção delas junto ao canteiro de obras é porque ficaria muito complicado mudar toda a mesa de operações do local, embora elas sejam deslocadas em breve para onde funcionava a antiga cantina.

Com relação ao atraso, Orbilio Baptista explica que quando os ope-

rários chegaram ao subsolo, constataram vários problemas como falta de um revestimento correto entre a terra e o piso e também paredes trincadas e fora do lugar. O mestre-de-obras, José Firmino dos Santos explica que teve de derrubar tudo, mantendo apenas as paredes laterais.

Da maneira que a direção da Fundação Hospitalar vem divulgando as ações desenvolvidas nos últimos tempos dá a impressão de que os serviços prestados pelo hospital estão para se tornarem um dos melhores do País. Por enquanto, é esperar para ver. Esta semana será divulgado edital internacional para aquisição de uma série de equipamentos sofisticados.

Isso custa dinheiro. E não é pouco. Uma tomografia computadorizada do crânio por exemplo, custa NCZ\$ 700,00 enquanto a do abdômen fica em NCZ\$ 1.100,00. Multiplicando-se esses números por cem, que é o número de exames feitos por mês, chega-se a uma quantia assustadora e que não resolve os problemas, visto que os cem exames, estão bem abaixo da média necessária de 40 exames por dia.